

AS INFÂNCIAS NO “REINO GRANDE DO SUL”: *SCRIPTS* DE GÊNERO NA
LITERATURA PARA CRIANÇAS

CHILDREN IN THE “REINO GRANDE DO SUL”: GENDER SCRIPTS IN
LITERATURE FOR CHILDREN

LOS NIÑOS EN EL “REINO GRANDE DO SUL”: *SCRIPTS* DE GÉNERO EN LA
LITERATURA INFANTIL

Cristiano Rosa¹

Jane Felipe²

Vanessa Costa³

Resumo: Neste trabalho realizamos uma análise narrativa dos livros da coleção “Reino Grande do Sul”, uma releitura dos clássicos infantis para o contexto da cultura gaúcha. Apoiados nos Estudos de Gênero e nos Estudos Culturais em uma perspectiva pós-estruturalista, problematizamos a constituição e representação de feminilidades e masculinidades das e dos protagonistas. Por meio das análises, que focaram tanto nos elementos quanto na estrutura das histórias, percebemos como os *scripts* de gênero estão inseridos nas narrativas, reforçando aspectos que, apesar de presentes nas tramas ficcionais, relacionam-se diretamente com a nossa realidade. Tanto os contos clássicos como os contos adaptados à cultura gaúcha são, em sua maioria, pautados por uma noção de superioridade masculina, enaltecendo o perfil de uma masculinidade aventureira, desbravadora do mundo e salvacionista, enquanto a mulher continua sendo visibilizada como submissa ao casamento, responsável pelo lar e cuidadora da família.

Palavras-chave: Infâncias. *Scripts* de gênero. Literatura para crianças. Cultura gaúcha.

Abstract: In this work we carry out a narrative analysis of the books of the “Reino Grande do Sul” collection, a reinterpretation of the children’s classics for the context of the gaúcho culture. Supported by Gender Studies and Cultural Studies in a post-structuralist perspective, we problematize the constitution and representation of femininities and masculinities of and of the protagonists. Through the analyses, which focused both on the elements and on the structure of the stories, we realized how the genre scripts are inserted in the narratives, reinforcing aspects that, despite being present in the

¹ Doutorando e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciado em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Licenciado em Letras pela Universidade FEEVALE. Professor da Rede Municipal de Ensino de Igrejinha, Rio Grande do Sul. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0036-7892>. E-mail: cristiano1105@hotmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora titular da Faculdade de Educação da UFRGS. Integrante do GEERGE - Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero e do GEIN - Grupo de Estudos em Educação Infantil e Infâncias. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4802-2113>. E-mail: janefelipe.souza@gmail.com.

³ Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciada em Pedagogia pela UFRGS. Professora de Educação Infantil da rede privada de ensino de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1051-9431>. E-mail: nessa.7865@gmail.com.

fictional plots, are directly related to our reality. Both classic tales and tales adapted to the gaucho culture are, for the most part, guided by a notion of male superiority, extolling the profile of an adventurous, world-opening and salvationist masculinity, while women continue to be seen as submissive to marriage, responsible for the home and family caregiver.

Keywords: Childhoods. Gender scripts. Literature for children. Gaucho culture.

Resumen: En este trabajo, realizamos un análisis narrativo de los libros de la colección “Reino Grande do Sul”, una reinterpretación de los clásicos infantiles para el contexto de la cultura gaucha. Apoyados en los Estudios de Género y los Estudios Culturales en una perspectiva postestructuralista, problematizamos la constitución y representación de las feminidades y masculinidades de y de las protagonistas. A través de los análisis, que se centraron tanto en los elementos como en la estructura de los relatos, percibimos cómo los *scripts* de género se insertan en las narrativas, reforzando aspectos que, a pesar de estar presentes en las tramas ficcionales, están directamente relacionados con nuestra realidad. Tanto los cuentos clásicos como los adaptados a la cultura gaucha están, en su mayoría, guiados por una noción de superioridad masculina, ensalzando el perfil de una masculinidad aventurera, abridora de mundos y salvadora, mientras que la mujer sigue siendo vista como sumisa al matrimonio, responsable del hogar y cuidador familiar.

Palabras clave: Infancias. *Scripts* de género. Literatura para niños. Cultura gaucha.

Mas bah, tchê! Falando sobre (re)leituras e fantasias⁴

Histórias voltadas ao público infantil estão sempre em alta, reinventando-se na televisão, no teatro e no cinema, muitas vezes pautadas na literatura clássica dos contos de fadas. Novas adaptações, contextos e personagens fazem parte dessas releituras, que na atualidade ganham contornos tecnológicos, frente às inovações do mundo contemporâneo, em especial em relação ao uso de tecnologias digitais.

Algumas dessas narrativas, por via de regra, mexem com o imaginário das crianças, seja em casa ou na escola (REYES, 2010). Além do aspecto imaginativo, as histórias desses contos também ensinam modos de ser criança desde a mais tenra idade, sejam formas de ser filho, filha, estudante, menino, menina, homem, mulher, etc. Nesse sentido, é importante salientar que o gênero do/a jovem leitor/a não altera o impacto que essas histórias têm sobre ele/a, uma vez que "os contos de fadas têm grande significado psicológico para crianças de todas as idades, tanto meninas quanto meninos, independente da idade e sexo do herói da estória" (BETTELHEIM, 2002, p. 17-18).

Para fundamentar nossa discussão sobre essa temática, apresentamos aqui uma coleção de livros destinada às infâncias que possui características bastante específicas, qual seja, a de

⁴ "Bah, tchê!" é uma expressão de espanto ou admiração utilizada pelos gaúchos. Sendo bah, diminutivo de barbaridade e tchê, palavra herdada dos indígenas tupi-guarani, que significa "meu". Seria como dizer: mas que barbaridade, meu! Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/bah%20tch%C3%AA>. Acesso em: 30 abr. 2020.

estabelecer conexões entre as histórias clássicas da literatura infantil com a cultura do Rio Grande do Sul, a fim de entreter e apresentar as tradições locais gaúchas a jovens leitores/as.

Sendo assim, tendo como base os principais aspectos que compõem os enredos da coleção “Reino Grande do Sul”, temos por objetivo discutir de que modo os *scripts* de gênero são acionados para compor os/as protagonistas do referido acervo. Desta forma, problematizamos, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista e operando com os Estudos de Gênero e os Estudos Culturais, a constituição das feminilidades e masculinidades por meio de uma análise tanto dos elementos – personagens, narrador, enredo, tempo e espaço – quanto da estrutura – situação inicial, desenvolvimento, clímax e desfecho – das narrativas, com foco nos/as personagens principais das 15 histórias.

“Era uma vez no Reino Grande do Sul...”: dos clássicos infantis ao contexto gaúcho

Falar de livros clássicos nas infâncias é lembrar os contos de fadas, as histórias para embalar o sono do bebê e as lendas folclóricas que suscitam nas crianças as mais variadas emoções, desde o espírito aventureiro, o riso, as lágrimas e até mesmo o medo e a dor. Os contos clássicos da literatura infanto-juvenil têm operado com modelos de personalidade, cultura e comportamento para crianças e jovens, principalmente com o trabalho desenvolvido nas escolas, em que a literatura tem sido utilizada muitas vezes como uma ferramenta pedagógica para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem em toda a Educação Básica, desde a etapa da Educação Infantil até o Ensino Médio.

Italo Calvino (1993, p. 12) destaca a importância de ler os clássicos da literatura porque “são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos”. Além disso, o autor ainda aponta que “clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, ouve-se dizer: ‘Estou relendo’” (CALVINO, 1993, p. 10). Corroborando com as palavras do autor, consideramos que é a partir da leitura e da releitura dos clássicos que o leitor pensa, reflete, constrói e reconstrói suas ideias e posicionamentos sobre a mesma história lida em diferentes momentos de sua vida.

E é justamente por essa prática de pensar e reproduzir essas histórias que as crianças se apaixonam e tomam as narrativas como base para enxergar e compreender seu mundo e o meio ao qual estão inseridas. Nesse sentido, a literatura sempre auxiliou no processo de formação cultural e social das infâncias, operando como subsídio para a criação e a

imaginação, sendo uma arte rica para o debate de diversas questões sociais, econômicas e políticas.

Acerca da classificação desses livros, Peter Hunt (2010, p. 60) observa que

Definimos literatura infantil segundo nossos propósitos – o que, no fim das contas, é o princípio das definições: dividir o mundo segundo nossas necessidades. A literatura infantil, por inquietante que seja, pode ser definida de maneira correta como: livros lidos por; especialmente adequados para; ou especialmente satisfatórios para membros do grupo hoje definido como crianças.

Nem sempre as histórias ditas infantis satisfazem os prazeres das crianças, uma vez que quem define o que é ou não adequado para elas são os adultos. No entanto, a partir de boas histórias, as crianças constroem suas realidades e criam sentido para tudo o que as rodeia. Sendo assim, faz-se necessária a prática da leitura literária desde a mais tenra infância, apresentando inicialmente o livro como um objeto desejável e capaz de encantar. Ler histórias de qualidade para as crianças pode contribuir para o desenvolvimento delas, despertando a imaginação, a sensibilidade, a curiosidade e o desejo de conhecer, além de possibilitar o reconhecimento das crianças como sujeitos de direitos.

De acordo com Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso (2006, p. 29), o impacto de um conto para uma criança está ligado diretamente a sua subjetividade, relacionado à situação como o conto chegou, como ela o conheceu:

Caso tenha vindo pela mão de um adulto, pode ser tomado pela criança como se ele tivesse tido a intenção de dizer algo através da escolha daquele trecho dramático específico. Por sua vez, a criança faz suas encomendas, quer escutar determinada história, pede que lhe alcancem certo livrinho, propõe que se brinque com ela considerando-a como se fosse uma personagem. Enfim, essas trocas entre o adulto e a criança, tendo os contos como intermediários, podem operar como uma espécie de diálogo inconsciente. O importante é termos claro que a criança é garimpeira, está sempre buscando pepitas no meio do cascalho numeroso que lhe é servido pela vida. A relação da infância com as histórias fantásticas é antiga e sólida, o que nos leva à convicção de que essa ficção é preciosa para as mentes jovens. [...] Portanto, seja contado por alguém ou por outro meio, há um encontro entre as crianças e os contos de fadas que raramente falha.

Desta forma, acreditamos que os contos de fadas operam de maneira muito importante nas infâncias, dando subsídios para a construção das identidades das crianças, mostrando-lhes modos de ser e de atuar no mundo em que vivem. E é nessa etapa que as crianças aprendem, percebem e (re)produzem normas – principalmente referentes ao seu gênero – que lhes são

(im)postas e esperadas pela sociedade, assim como podem transgredi-las, negociando e subvertendo esses aspectos que lhes são esperados (ROSA, 2019).

Assim, a ideia de haver determinadas normas e expectativas relacionadas ao ser/se fazer mulher ou homem na nossa sociedade está diretamente ligada ao conceito de *scripts* de gênero. De acordo com Jane Felipe (2019, p. 242), os *scripts* podem ser entendidos como

roteiros, definições, normas, apontamentos, às vezes negociáveis, em outras circunstâncias nem tanto, que prescreveriam as condutas dos sujeitos. [...] Tais expectativas das mais diversas ordens vão sendo tecidas e muito bem tramadas ao longo das nossas vidas por diversos discursos (religioso, médico, psicológico, jurídico, midiático) e instituições (família, escola, igreja, etc.), dizendo-nos como devemos ser e nos comportar pelo fato de termos nascido com determinada genitália.

É importante lembrar que em variados aspectos, a cultura gaúcha costuma se apresentar reiterando a ideia de uma superioridade masculina, como em situações que envolvem os CTGs – Centros de Tradições Gaúchas. Há, nesses espaços, *scripts* de gênero bastante rígidos que se pautam em oposições binárias, envolvendo modos de ser e de se comportar do peão (como são chamados os sujeitos do gênero masculino) e da prenda (sujeitos do gênero feminino).

Os CTGs, criados na década de 40 do século XX, são espaços de reunião para dançar danças típicas gauchescas, fazer churrasco e cultivar/cultuar os costumes dessa região do sul do país. As vestimentas são típicas e há que seguir toda uma etiqueta no baile (os casais não podem dançar com seus corpos muito colados, por exemplo, cabendo ao homem conduzir a mulher, assim como ocorre na dança de salão). Algumas danças, como a chula, só podem ser praticadas pelos homens, enquanto as mulheres ficam rodopiando as saias⁵. É possível dizer que o tradicionalismo gaúcho ensina modos de exercer a masculinidade, assim como maneiras específicas de feminilidade (ANTUNES, 2003).

Nesse cenário, os homens costumam estar pilchados (vestidos) com roupas e acessórios que pretendem demarcar o poder e a superioridade masculina, como facas ou facões na cintura, cintos de proteção, chapéu, bigode ou barba. Em contrapartida as mulheres são paramentadas em suas vestes para ressaltar padrões de delicadeza, beleza e certa contemplação das figuras masculinas.

⁵ Vale ressaltar que a maioria das vestimentas e dos acessórios popularmente tradicionais do Rio Grande do Sul não foram invenções do povo gaúcho, mas baseadas em roupas e produtos já usados no Uruguai.

Sendo assim, desde cedo as crianças, ao verem esses contextos estabelecidos, aprendem sobre quais as posições de sujeitos elas devem ter e ocupar, em função do gênero que lhe foi atribuído desde o nascimento. Desta forma, percebemos o quanto o Rio Grande do Sul se caracteriza por cultivar suas tradições através da música gaudéria (também chamada de música tradicionalista), e de uma literatura específica, enaltecendo determinados modos de ser e de se comportar, muitas vezes com ênfase machista, embora tal aspecto possa estar presente em outros estilos musicais como nas letras de sertanejo, funk, romântica, entre outras, que também compartilham tal pensamento.

No que se refere à literatura, em especial às lendas do Rio Grande do Sul, não podemos deixar de destacar que algumas delas se tornaram bastante conhecidas nacionalmente, como a do Negrinho do Pastoreio, da Salamanca do Jarau e do Boitatá. São lendas consideradas folclóricas, que carregam uma história e ao mesmo tempo identificam a cultura gaúcha apresentada pelos protagonistas das referidas histórias, promovendo um pensar sobre as situações de desigualdades, preconceitos e discriminações permeados nesses enredos. No entanto, cabe destacar que a produção literária voltada para crianças é muito profícua, destacando-se, nesse contexto, alguns escritores, como Caio Riter, Celso Gutfreind, Christian David, Dilan Camargo, Mario Pirata e Marô Barbieri, entre outros.

Imaginação, cultura e tradição: entre prendas e peões

O projeto da coleção “Reino Grande do Sul” surgiu em setembro de 2015, mês escolhido por celebrar no dia 20 o Dia do Gaúcho e o Dia da Revolução Farroupilha. De acordo com o idealizador do projeto e proprietário da editora Edibook, R. S. Keller, a ideia para as obras surgiu a partir de uma dificuldade de encontrar livros sobre a cultura e a tradição do Rio Grande do Sul para crianças e jovens.

Assim, as obras da coleção se configuram como releituras de clássicos literários adaptados para a cultura tradicionalista gaúcha para crianças de todas as idades. Nesses livros, as princesas e os príncipes dão lugar, respectivamente, a prendas e peões, sendo as histórias localizadas em um reino fictício inspirado no estado do Rio Grande do Sul, que é dividido em oito províncias: da Fronteira, das Missões, da Serra, dos Vales, dos Pampas, dos Lagos, do Litoral e da Capital.

A coleção é composta por 15 livros, possuem 40 páginas, sendo 14 com texto das histórias e 14 com ilustrações, que ficaram por conta da Cria Ideias, um estúdio de ilustração

multimídia gaúcho. As narrativas são breves e rápidas, com enredos bem escritos, cuja leitura de cada volume entretém o leitor durante em um curto espaço de tempo, já que a leitura dura em média de cinco a dez minutos. A classificação dos livros se divide em três categorias – Literatura infanto-juvenil, Contos de Fadas e Cultura Gaúcha – e segue o número 82-93 da CDU (Classificação Decimal Universal), que indica Literatura infanto-juvenil como sua principal categorização.

Os livros que integram a coleção foram lançados entre setembro de 2015 e abril de 2016, dois por mês, sendo eles com suas inspirações, respectivamente: *Prendarella* (Cinderela), *Gato de Bombacha* (Gato de Botas), *Prenda de Neve* (Branca de Neve), *Sulliver* (Gulliver), *Prenda Adormecida* (Bela Adormecida), *João e a Plantação de Arroz* (João e o Pé de Feijão), *A Prenda e a Fera* (A Bela e a Fera), *Peão dos Bosques* (Robin Hood), *Prenda de Tranças* (Rapunzel), *Zorrinho* (Zorro), *A Prenda Sereia* (A Pequena Sereia), *Os Três Ginetes* (Os Três Mosqueteiros), *Prendahontas* (Pocahontas), *Dom Quitério de La Fronteira* (Dom Quixote de La Mancha) e *Capitão dos Rios & Prenda dos Pampas* (Romeu & Julieta).

Os livros são abertamente baseados em histórias clássicas de autoria de Charles Perrault, Irmãos Grimm, Hans Christian Andersen, Alexandre Dumas, Jonathan Swift, Miguel de Cervantes e William Shakespeare, entre outros. Percebemos que a história original dos contos é mantida, mas os autores tentaram colocar o máximo da cultura gaúcha de uma forma que qualquer leitor/a, seja criança, jovem ou adulto, conseguisse compreender o enredo da história.

A união dos contos clássicos com a cultura gaúcha vai ao encontro e reforça o que Cristina Rosa (2019) sugere como critérios de escolha de obras literárias para crianças, indicando a qualidade literária tanto na narrativa quanto nas ilustrações. A autora aponta aspectos como longevidade, inesgotabilidade, linguagem metafórica, valor histórico e documental, elementos mágicos, vínculo com a ancestralidade e fazer pensar, para que as obras se tornem interessantes e transmitam valores de qualidade ao público alvo leitor.

Para a composição das releituras dos contos, os autores se utilizaram de questões referentes à linguagem, à culinária, à fauna, à flora, ao clima, a atividades, a brincadeiras, a danças e a objetos bem regionais do Rio Grande do Sul. Além disso, podemos encontrar expressões bastante características e humoradas, como "mais feliz que guri de bombacha

nova", "mais feliz que pinto no lixo", "mais ligeiro que um ratão do banhado", "mais perdido que cusco em tiroteio" e "mais perdido que cusco que caiu da mudança".⁶

Cada livro da coleção ainda apresenta ao seu final um glossário com a média de 30 palavras que são termos regionais, como amuado (desanimado, triste), atazanar (incomodar), bolicho (bar, armazém), chulear (cuidar, observar), cusco (cão vira-lata), entrevero (briga, confusão), macanudo (muito legal), matutar (pensar, refletir), rancho (casa do campo) e taura (pessoa valente, destemida).⁷

Sobre este acervo, de acordo com Sandra Veroneze (2018, online), para o site Eco da Tradição:

No total, foi investido quase um ano em pesquisas tanto sobre literatura quanto sobre os hábitos e costumes que seriam utilizados nos enredos dos livros, com um estudo especial em relação às roupas das prendas e peões. Essa análise foi usada como base para o estúdio de ilustração contratado para o projeto. Na parte do texto, houve pesquisas sobre as danças, ritmos musicais, culinária e linguagem típicas do Rio Grande do Sul e que seriam adequadas para o contexto das histórias. [...] Esse cuidado fez com que os livros fossem adotados inclusive em escolas de outros estados, como no Rio de Janeiro. Também foram consultados, professores, participantes de CTGs, crianças e integrantes do próprio MTG, que avaliaram o projeto.

Observamos que, dos 15 livros que compõem a coleção “Reino Grande do Sul”, sete possuem protagonistas femininas e sete protagonistas masculinos, além de uma obra com uma dupla de protagonistas, sendo um de cada gênero. Ficamos a refletir sobre essa divisão, assim como acerca da autoria das obras, pois o primeiro grupo de livros é adaptado por Pauline Ferreira, enquanto o segundo por Marcio Melgareco – ambos em coautoria com R. S. Keller. O quanto essa divisão, ao nosso ponto de vista assumidamente intencional, interferiu na produção das narrativas? O que essa separação indicaria? Seria uma representatividade? Ou apenas reforçaria os *scripts* de gênero pelo ponto de vista também da escrita?

Cabe ainda referir que em setembro de 2019 a editora Edibook anunciou uma nova coleção, chamada "Era uma vez no Reino Grande do Sul", em que novos 14 livros fariam a releitura de outros contos clássicos da literatura infanto-juvenil, sendo eles: *Melenas Douradas* (Cachinhos Dourados), *Tri Porquinhos* (Os Três Porquinhos), *Joca e Marina* (João e Maria), *Um Piá de Madeira* (Pinóquio), *A Prenda e a Ervilha* (A Princesa e a Ervilha),

⁶ Bombacha é a roupa tradicional do gaúcho/peão; ratão do banhado é uma ratazana; cusco é um cão vira-lata.

⁷ Neste contexto, destacamos a obra “Dicionário de Porto-Alegres” (FISCHER, 1999), que conta com cerca de 1,4 mil verbetes entre palavras e expressões gaúchas; e também salientamos que, devido à proximidade do Rio Grande do Sul com outros países, muitas dessas expressões são uruguaias, por exemplo.

Patrão Artur (Rei Artur), *A Marrequinha Feia* (O Patinho Feio), *Xiruzinho de Chumbo* (Soldadinho de Chumbo), *Palinha Vermelho* (Chapeuzinho Vermelho), *A Pilcha Nova do Patrão* (A Roupas Nova do Rei), *Patrona da Geada* (A Rainha da Neve), *O Peão Sapo* (O Príncipe Sapo), *As 12 Prendas Fandanguieras* (As 12 Princesas Bailarinas) e *Os Músicos de Bagé* (Os Músicos de Bremen)⁸.

Por fim, compreendemos que a proposta da coleção “Reino Grande do Sul” intenciona fazer uma releitura dos clássicos, procurando valorizar e enaltecer aspectos da cultura local, embora para alguns, tal proposta possa parecer um tanto “bairrista”. O título da coleção, embora reforce a ideia de chamar atenção para os aspectos regionais, em suas especificidades linguísticas e seus costumes, ao mesmo tempo pode dar uma ideia pretenciosa de segregação.⁹

Para a realização desta pesquisa, operamos com leituras atentas de todos os 15 livros da coleção, observando aspectos relacionados principalmente à constituição das e dos protagonistas. Além disso, a realidade das personagens centrais e secundárias, os enredos e os desfechos das histórias também foram analisados a fim de compreender e problematizar essa junção dos contos clássicos com a cultura gaúcha. A análise partiu das teorizações dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais em uma perspectiva pós-estruturalista, em que procuramos refletir e colocar sob suspensão diversos pontos que levantamos em nossa pesquisa, no que diz respeito às tradições e ao fato de como as masculinidades e as feminilidades são visibilizadas e acionadas nas histórias. Ou seja, de que modo essas releituras reiteram ou questionam os *scripts* de gênero?

As prendas protagonistas: belas, jovens, sonhadoras e submissas

Primeiramente, analisamos as protagonistas dos livros *Prendarella*, *Prenda de Neve*, *Prenda Adormecida*, *A Prenda e a Fera*, *Prenda de Tranças*, *A Prenda Sereia* e *Prendahontas*. As narrativas se passam nas cidades de Porto Alegre, Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Uruguaiana, Alegrete, Arambaré, Barra do Ribeiro, Cachoeira do Sul, Tramandaí, Torres e nas Missões.

Das sete histórias de prendas, seis terminam com elas se casando, após paixões na maioria das vezes repentinas, e vivendo felizes para sempre; a única que não apresenta esse

⁸ Destes 14 títulos, apenas os três primeiros já foram publicados até metade do ano de 2021.

⁹ Neste contexto, lembramos aqui do movimento “O Sul é o meu País”, lançado em 1992 e que desde 2016 vem realizando consulta popular com o objetivo de separar Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul do resto do país por motivos dos fatores culturais, políticos, e econômicos serem diferentes (LIMA, 2017).

desfecho é a da Prenda Sereia, cuja protagonista acaba se suicidando porque o peão por quem ela se apaixona se casa com outra, o que a deixa muito triste e desconsolada. Arrasada, ela prefere perder a vida do que aceitar o amor não correspondido. Após saber que o peão de quem gosta estava triste porque teria que casar com outra prenda que não era quem ele gostava “Mariana ficou ainda mais triste, pois perderia a chance de ganhar o amor de seu peão e tornar-se completamente humana. Se Henrique casasse com outra, ela morreria” (KELLER; PEREIRA, 2016c, p. 24).

Tal desfecho nos faz refletir sobre a situação de muitas mulheres que se doam completamente a uma relação, resistem à violência doméstica, maus-tratos emocionais, abuso das/os filhas/os muitas vezes, sentindo-se dominadas por um amor romântico que as cega e as desvaloriza como seres humanos (FELIPE, 2007). Nesse contexto ocorrem as violências benévolas, que são aquelas práticas abusivas disfarçadas de proteção ou carinho, que acabam controlando e manipulando a companheira de maneira invasiva, tomando sua liberdade (FORMIGA, 2006). Nesse sentido, acabam mergulhando em relacionamentos tóxicos, repletos de violências para além de seus corpos.

Pensando na caracterização das protagonistas pelo ponto de vista dos adjetivos utilizados para descrevê-las ao longo das histórias, pudemos observar que todas as jovens prendas são retratadas como lindas, belas, formosas e bonitas; são poucos os atributos utilizados que não apontam para suas aparências e outros valores que as poderiam favorecer como fortes, saudáveis, lutadoras e guerreiras. Observamos como a maioria das palavras utilizadas para descrever as prendas ressalta principalmente a aparência, em detrimento de outras características, como demonstramos no quadro a seguir:

Quadro 1: Descrição das protagonistas dos livros da coleção “Reino Grande do Sul”.

Livro	Descrição das protagonistas
Prendarella (KELLER; PEREIRA, 2015a)	"[...] com sua linda filha Prendarella." (p. 6)
Prenda de Neve (KELLER; PEREIRA, 2015b)	"[...] a pequena Prenda de Neve se tornou uma bela jovem" (p. 12).
Prenda Adormecida (KELLER; PEREIRA, 2015c)	"Luna cresceu e tomou-se uma linda prenda" (p. 14).
A Prenda e a Fera (KELLER; PEREIRA, 2016a)	"Ela era uma prenda tão bonita [...]" (p. 6).
Prenda de Tranças (KELLER; PEREIRA, 2016b)	"[...] a menina tornou-se a prenda mais linda daqueles pagos" (p. 16).
A Prenda Sereia (KELLER; PEREIRA, 2016c)	"A mais curiosa das irmãs era a caçula, Mariana [...]" (p. 8).

Prendahontas (KELLER; PEREIRA, 2016d)

"Lá pros lados das Missões do Reino Grande do Sul, vivia a formosa Prendahontas [...]" (p. 6).

Fonte: Coleção "Reino Grande do Sul" (2015-2016).

Compreendemos que a figura da prenda seria a mulher gaúcha "bela, recatada e do lar"¹⁰, aquela que não se mete, como demonstrou Guacira Lopes Louro (1986), que em sua tese de doutorado intitulada *Prendas e Antiprendas*, pesquisou sobre a história da educação feminina no Rio Grande do Sul. Em sua produção, a autora destacou como a educação escolar desempenhou papel ambíguo para as mulheres: ao mesmo tempo em que foi um fator de dominação que colaborou na construção de uma mulher obediente e submissa, também forneceu instrumentos para sua libertação e maior participação social, ou seja, formando os dois polos femininos, as prendas e as antiprendas (LOURO, 1987).

É interessante observar como a palavra prenda se desdobra em três sentidos dicionarizados: a de um brinde, a de uma punição e a de uma mulher bonita, o que dá margem a pensar na relação que esses significados possuem entre si. Assim como a expressão "mulher prendada", que indica que ela dominaria os afazeres domésticos e cuidaria do seu lar.

Nesse contexto, observamos o quanto muitas meninas ainda são educadas para cultivarem determinados padrões estéticos ligados à beleza e ao cuidado com a casa, além da idealização do casamento e da maternidade. Isto significa dizer que os *scripts* de gênero operam desde a mais tenra infância, fazendo com que meninas se tornem reféns de suas aparências e colocando tal aspecto como sinônimo de bem-estar e sucesso, de modo a alcançarem essas metas pessoais, culturalmente inseridas em seus contextos. E como tal prática é uma construção constante, principalmente entre as meninas, elas também "parecem mais conformadas aos ditames de gênero, considerados como a possibilidade ideal e desejável para a sua constituição identitária" (XAVIER FILHA, 2011, p. 591).

Outro ponto interessante de se problematizar é a questão de apenas uma das sete protagonistas ser negra, a Bela. Entendemos que parte da população do Rio Grande do Sul, especialmente em algumas cidades, é marcada por descendência alemã e italiana. No entanto, há um apagamento e uma invisibilidade de outras representatividades que formaram/formam

¹⁰ Tal expressão ficou nacionalmente conhecida em 2016 se referindo à Marcela Temer, a então primeira dama do Brasil, em uma reportagem da Revista Veja na edição de 18 de abril daquele ano.

o Estado, como os povos originários e os negros. Destacamos também, nesse contexto, que a Prendahontas é a única personagem que tem origem indígena.¹¹

Os peões protagonistas: aventureiros, corajosos, independentes e valorizados

Ao observar os adjetivos utilizados para descrever os protagonistas dos livros *Gato de Bombacha*, *Sulliver*, *João e a Plantação de Arroz*, *Peão dos Bosques*, *Zorrilho*, *Os Três Ginetes* e *Dom Quitério de La Fronteira*¹² no decorrer das narrativas, percebemos que essa caracterização se dá de maneira a destacar as qualidades de guerreiro, valente, protetor, defensor, trabalhador e corajoso. Os livros expressam a imagem do homem gaúcho como um sujeito a ser admirado e respeitado, que exerce o protagonismo, como elencamos no quadro abaixo:

Quadro 2: Descrição dos protagonistas dos livros da coleção “Reino Grande do Sul”.

Livro	Descrição dos protagonistas
Gato de Bombacha (KELLER; MELGARECO, 2015a)	"O gato, bem metido, foi proseando com o velho, e logo o desafiou a provar os poderes que todos falavam que ele tinha" (p. 24).
Sulliver (KELLER; MELGARECO, 2015b)	"[...] sou um vivente que tem muita vontade de conhecer cada canto desses pagos" (p. 8).
João e a Plantação de Arroz (KELLER; MELGARECO, 2016a)	"João, guri muito obediente [...]" (p. 14).
Peão dos Bosques (KELLER; MELGARECO, 2016b)	"[...] um guri bom barbaridade, com fama de guerreiro e um tanto arriado" (p. 6).
Zorrilho (KELLER; MELGARECO, 2016c)	"Era uma figura de presença marcante, muito belo, justo [...]" (p. 18).
Os Três Ginetes (KELLER; MELGARECO, 2016d)	"[...] assim como o capataz, eram queridos e admirados por todos nas estâncias dos Pampas" (p. 12).
Dom Quitério de La Fronteira (KELLER; MELGARECO, 2016e)	"[...] um grande homem, um capataz admirado e respeitado por todas aquelas bandas" (p. 10).

Fonte: Coleção “Reino Grande do Sul” (2015-2016).

¹¹ Os indígenas do Rio Grande do Sul são integrantes dos povos Kaingang, Guarani, Charrua e Xokleng. A população total no estado, segundo o censo do IBGE de 2010, é de aproximadamente 33.000 indígenas (0.33% da população total).

¹² As histórias se passam em cidades como Porto Alegre, Cachoeira do Sul, Pelotas, Rio Grande, Quaraí e Santana do Livramento, entre outras.

Tais qualidades, de certa forma, acabam exigindo dos meninos desde cedo uma postura considerada mais forte e menos sensível (BELLO, 2006). A construção das masculinidades se dá desde a mais tenra idade, impondo muitas vezes, determinados comportamentos, considerados mais apropriados aos homens, como mostra o documentário “A Máscara em que Você Vive” (2015), que debate essa masculinidade tóxica que é imposta nos sujeitos homens ainda na infância, como se a demonstração da sensibilidade os fizessem ser menos masculinos, tornando-os vulneráveis na sociedade¹³.

Para Fernando Seffner (2019, p. 10), é importante o debate sobre o conceito de masculinidades tóxicas porque possibilita que os sujeitos questionem sobre diversas questões, como “privilégios, violência, posturas agressivas, maus tratos emocionais, distribuição injusta de oportunidades, equidade de gênero, salários injustos”. Além disso, refletir sobre essas masculinidades também permitiria reconhecer quais os comportamentos masculinos que sabemos que produzirão algum dano às pessoas do convívio desses homens.

Já acerca da constituição das masculinidades nas infâncias, Alexandre Bello (2006, p. 8) pontua que durante esse período da vida os sujeitos criam mecanismos para corresponder às expectativas adultas em relação à formação dos seus gêneros. Segundo o autor

quanto mais próximas estiverem do que as cuidadoras esperam delas, menos serão policiadas, e dos adultos por, de alguma forma, sentirem-se regozijados por estarem dando conta da árdua tarefa de conduzir as crianças a se tornarem homens e mulheres de acordo com os padrões da cultura vigente.

Nesse contexto, consideramos que seria preciso pontuar que a constituição das masculinidades no Brasil se difere muito, a depender da região na qual a criança está inserida, pois estas impactam diretamente nas vidas dos sujeitos desde as infâncias (CAETANO; SILVA JUNIOR, 2018). Percebemos também como os homens desses enredos não apresentam problemas para se unirem em prol de um mesmo objetivo, criam vínculos com outros personagens masculinos, firmam parcerias e conseguem, em virtude disso, conquistarem seus objetivos em comum. Apesar de quase sempre se mostrarem independentes, sabem que a união fortalece o trabalho e impulsiona a vitória.

Um exemplo disso é uma passagem da obra *Peão dos Bosques*, quando o protagonista se dirige à sua comunidade:

¹³ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=I1OI9B0VSI4>. Acesso em: 9 mar. 2020.

– Gurizada que eu estimo tanto, ouçam todos! – bradou o Peão ao redor de um fogo de chão. – Sabemos, e não é de hoje, que esse tal Senhor Martín pega dos outros o que não pertence a ele, maltrata os que se rebelam e despreza quem trabalha honestamente. E eu estou aqui querendo a ajuda de todos vocês para acabar de uma vez por todas com essa barbaridade! – completou o Peão. Taura como era, logo todos o saudaram como protetor dos fracos e indefesos naquela Província. (KELLER; MELGARECO, 2016b, p. 14).

O espírito aventureiro dos protagonistas é uma característica bastante presente em suas personalidades nas histórias, atuando eles como desbravadores. Tal aspecto, acreditamos estar relacionado aos *scripts* de gênero sobre o homem desde criança, cabendo a ele não temer, não sentir medo e encarar as situações e os problemas da vida. Assim, os protagonistas ajudam a si mesmos, a suas famílias e à comunidade onde vivem; e ao final das histórias, os seus feitos são sempre reconhecidos e valorizados pela população local, normalmente em festas e eventos.

Tal cenário é bastante diferente do apresentado nas histórias com as prendas, que parecem estar fadadas a uma dependência de um homem nessa tradição apresentada. Refletindo sobre o conservadorismo e a opressão que as mulheres têm sofrido na sociedade e pensando nas histórias em análise neste estudo, consideramos interessante observar que “Enquanto aos homens cabe a imagem de peões, que domam as dificuldades e se sobressaem sobre aqueles que os ameaça, as mulheres devem ser criadas para ser um presente, um enfeite, àquele homem que for merecedor de formar uma família e agregar no sobrenome” (CARDOSO, 2018, online).

Essa realidade pode parecer coisa do passado, mas na atualidade muitos relacionamentos ainda se baseiam no fato de que os homens concebem suas esposas como um tipo de propriedade, que estão ao seu lado para servi-los e cuidá-los. Contudo, a independência financeira e intelectual feminina na contemporaneidade tem alterado aos poucos essa cena nos últimos anos, fazendo com que repensemos acerca dos relacionamentos e de como se configuram essas uniões. Na pesquisa intitulada *E foram mais ou menos felizes... enquanto puderam: problematizando gênero e sexualidade nas escolas infantis*, podemos observar uma interessante provocação que subverte a lógica dos tradicionais contos de fadas, que operam com a ideia de uma felicidade eterna, idealizada sobre o amor, relacionamentos afetivos e família (FELIPE; GUIZZO, 2002).

Outro aspecto importante diz respeito à imagem do homem como trabalhador e provedor e da mulher como sujeito que fica em casa para cuidar do lar e das crianças, não

pode ser generalizada, tendo em vista o fato de que cada vez mais elas desempenham funções mais amplas. Segundo Cristiano Rosa e Jane Felipe (2019), o aumento na jornada de trabalho envolve pelo menos oito cuidados diversos: (i) de si mesma; (ii) da sua relação afetiva-sexual; (iii) dos seus filhos; (iv) da sua casa; (v) da sua profissão; (vi) dos seus estudos; (vii) dos mais velhos da sua família; e, por vezes, (viii) dos seus netos.

Dentre os livros com protagonistas masculinos, somente no *Gato de Bombacha* o personagem principal não é uma pessoa, mas um animal; e nesta, o gato se aventura a ajudar seu dono a conquistar e se casar com a prenda pela qual ele é apaixonado. Além disso, pontuamos que *Sulliver* é a única narrativa contada em primeira pessoa, o que acaba dando outra dimensão à história, pois ficamos conhecendo a personalidade do protagonista a partir de sua própria visão de si mesmo e do meio que o cerca.

Feminilidades e masculinidades: constituições subjetivas em análise

O único livro da coleção que conta com dois protagonistas, sendo um de gênero feminino e outro masculino, é a obra intitulada *Capitão dos Rios & Prenda dos Pampas*. Nesta história, as famílias Capuleto e Montecchio são substituídas pelos Tricolores e os Colorados, fazendo referência aos dois maiores times de futebol do Rio Grande do Sul, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o Sport Club Internacional. Na obra em questão, temos o Capitão dos Rios como um protagonista negro e o final da história é marcado pelo casamento dele com a Prenda dos Pampas e a descoberta da sua gravidez, sendo a única história com dois protagonistas. Contudo, esta é marcada pela existência de um amor idealizadamente romântico.

Consideramos importante problematizar um fato que acontece em várias histórias, o beijo no peão na prenda dormindo. A naturalização desse ato nos preocupa, pois não seria preciso debater muito para perceber que é assédio e o quanto os contos clássicos demarcam esse papel do homem enquanto sujeito que pode determinar ações apenas por ser homem e a mulher deve aceitar sem questionamento. Outro ponto a ser observado é a questão da profissão das e dos protagonistas. Apenas duas prendas tinham profissão, uma era criada (o que a maioria das prendas acaba sendo, pois cuidam dos afazeres domésticos) e uma era cantora; enquanto os peões – que por si só a palavra peão já designa um sujeito que cuida da sua estância – eram guerreiros, domadores de cavalos, entre outras atribuições.

Em seu livro *Literatura gauchesca: do Cancioneiro Popular à Modernidade*, Lisana Bertussi (1997) dedica dois capítulos a analisar como a mulher gaúcha e o homem gaúcho são retratados nas músicas tradicionalistas. No primeiro, "De prenda à mulher: a evolução da imagem feminina na poesia regionalista do Rio Grande do Sul", a autora debate o papel da poesia regionalista no processo de transformação da imagem da mulher gaúcha, discutindo o fato de que "se, por um lado, ela, a literatura, retratou a realidade feminina, denunciando criticamente a condição da mulher, se estimulou uma caminhada rumo à emancipação ou se, por outra, reafirmou a ideologia romântica que a mascara" (BERTUSSI, 1997, p. 32).

Já no segundo capítulo, "Do guasca ao tatu: a corte do monarca", a autora aponta como a figura feminina é diminuída e inexpressiva frente ao sujeito que é:

construído a partir da apologia de sua destreza nas lidas com o gado, no domínio da natureza e na maestria e coragem nas contendidas bélicas, está o germe para a configuração da imagem exageradamente positiva do gaúcho representada pelo mito regional, segmentado no *centauro dos pampas* e no *monarca das coxilhas*, pela segurança, pelo gosto da liberdade e pelo profundo sentimento antimonarquista arraigado à formação do sul-riograndense (BERTUSSI, 1997, p. 44).

É possível ainda observar que, além da literatura, as músicas tradicionalistas gaúchas são escritas e cantadas por homens, que falam de suas realidades, anseios e conquistas. E essa produção acaba se disseminando pelo resto do país, fomentando a imagem desse homem gaúcho que é trovador, provedor e salvador. No entanto, recentemente têm surgido alguns movimentos que reúnem mulheres musicistas, intérpretes, compositoras melodistas e poetisas gaúchas que compõe e cantam músicas tradicionalistas que as representam e valorizam, ao contrário das clássicas canções que as inferiorizam e as tratam como um produto, pautadas no machismo, como o movimento "Peitão da Composição Regional", surgido em 2019.

Em relação à literatura aqui analisada, podemos ainda destacar os desfechos de dois livros que ilustram bem a diferença do que seria um "final feliz" para uma prenda e para um peão. Enquanto no livro da *Prenda de Neve* a história termina com "Não demorou muito para que os planos de casamento fossem feitos, e a Prenda de Neve, enfim, viveu feliz para sempre com seu amado!" (KELLER; PEREIRA, 2015b, p. 32), o livro do *Peão dos Bosques* encerra a sua narrativa com o seguinte parágrafo: "Seguindo o seu velho hábito, Peão dos Bosques decidiu continuar vivendo em meio à natureza, desbravando a grande floresta Relvada e sempre ajudando quem precisava, sem nunca pedir nada em troca" (KELLER; MELGARECO, 2016b, p. 32).

Nesse contexto, agora refletindo acerca da diversidade representada pelos/as protagonistas, pontuamos que dois possuem origens indígenas, sendo eles a Prendahontas e o Zorrilho. Consideramos importante essa presença nas histórias, a fim de mostrar um pouco dessa figura tão importante e fundamental na constituição identitária do país e do estado também. Desta forma, é possível dizer que os livros da coleção "Reino Grande do Sul", assim como os contos clássicos, têm sido utilizados para se trabalhar em sala de aula e em família sobre valores e, com destaque, sobre os *scripts* de gênero. O que nos mobiliza a problematizar é o modo como acontece essa prática. São problematizadas as questões pertinentes a cada história? Ou somente são operadas de modo a ensinar sobre a tradição gaúcha e de maneira lúdica por ser uma releitura?

Nesse sentido, é importante entender o papel da mediação de leitura (REYES, 2014) que possibilitaria pensar não somente no que está escrito nas histórias, mas também nas entrelinhas, no que se afirma e no que se nega ao longo das narrativas. Assim, teríamos a oportunidade de questionar as normas e as expectativas sobre as prendas e os peões, refletindo acerca de outras possibilidades de ser e se fazer no mundo, seja este real ou ficcional.

Francisca Alves da Silva Stefanelli (2015, p. 113) aponta que muitos livros para a infância ainda costumam evidenciar

uma feminilidade desejada socialmente, com meninas e mulheres que se mostram frágeis, sentimentais, doces, delicadas e passivas. [...] As personagens femininas estão sempre dedicadas aos afazeres domésticos e ao cuidado com os/as filhos/as. A figura dos meninos e dos homens são representadas como o oposto do universo feminino. Eles se mostram independentes, rudes, circulam pelo espaço público e no mundo profissional.

Desta forma, ponderamos que cabe aqui destacarmos o fato de como esses *scripts* de gênero “vão sendo construídos, tramados, aceitos, alterados ou rompidos desde a mais tenra infância, uma vez que há sempre a possibilidade de transgredir e reinventar os roteiros, por mais engessados que possam parecer” (FELIPE, 2019, p. 241-242). Assim, tanto a família quanto a escola promovem essas normas a partir de variados discursos e artefatos, incluindo aqui a literatura.

Portanto, consideramos que a referida coleção de livros se configura como um artefato cultural e pedagógico, estabelecendo essa relação entre cultura e processos educativos na medida em que os livros, no contato com seus/suas leitores/as, poderiam atuar "na constituição de sujeitos, na composição de identidades, na disseminação de práticas e

condutas, enfim, no delineamento de formas de ser e viver na contemporaneidade" (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 61).

Por fim, cabe ainda referir que no âmbito da pós-graduação, nos cursos de mestrado e doutorado, principalmente das áreas da Educação, Letras e Psicologia, há um número crescente de produções que problematizam as relações entre infâncias, gênero e literatura. Dissertações e teses têm mostrado as inúmeras possibilidades que os livros possuem no trabalho com as crianças para debater as concepções dos universos de menina e menino, de mulher e homem, e a potência dessa arte como promotora de debate pela equidade de gênero. Afinal, na contemporaneidade, crianças e jovens têm (re)escrito seus próprios *scripts* de gênero, realizando (re)leituras de suas condições no mundo e (re)afirmando seus protagonismos pelos espaços onde transitam desde a mais tenra idade.

“No final, todos viveram tri felizes para sempre, tchê!”: será?

Consideramos que, além de entreter, como toda literatura, os livros da coleção “Reino Grande do Sul” também despertam nos/as leitores/as, principalmente nas crianças, a curiosidade pela cultura das tradições gaúchas. Além disso, as obras oferecem a oportunidade de realizar um trabalho diversificado nas escolas sobre tais temáticas, já que no estado do Rio Grande do Sul costuma haver uma grande valorização das lendas e da cultura local.

Analisar os contos clássicos e sua interlocução com a cultura gaúcha, percebendo alguns pontos que se assemelham em suas constituições, contribuiu para problematizar as desigualdades e as diversas formas de violência entre os gêneros. Nesse sentido, o que destacamos aqui é a possibilidade que essa coleção de livros, com sua proposta original, poderia trazer para tensionarmos as relações de poder existentes entre as masculinidades e as feminilidades na contemporaneidade, para que possam ser debatidas cada vez mais em todas as esferas da sociedade. Contudo, essas obras reforçam ainda mais os *scripts* de gênero, mostrando às/aos leitoras/es como as prendas e os peões reiteram a idealização das princesas e dos príncipes no imaginário infantil, corroborando assim posições de desigualdade de poder relacionados ao âmbito de seus gêneros.

Pensar nos contos clássicos aliados à cultura gaúcha nos faz perceber o quanto essas histórias, combinadas com uma releitura adaptada às tradições sul-rio-grandenses, podem se constituir em uma combinação questionável, do ponto de vista da equidade de gênero na contemporaneidade, na medida em que podem reforçar concepções binárias e discriminatórias

em relação às mulheres (ARGÜELLO, 2005; PIRES, 2009). É preciso entender que a literatura, assim como outros artefatos culturais, contribui para a construção dos *scripts* de gênero desde a mais tenra infância, sendo a literatura voltada para as crianças um dos mais importantes para a subjetivação dos lugares sociais que homens e mulheres “devem” ocupar.

Tal movimento perde forças quando a figura do protagonista masculino se sobressai a todo custo à feminina; quando o final feliz das histórias dele é uma vitória de batalha e o dela é um casamento e a maternidade. Assim, as narrativas fomentam nos/as leitores/as, principalmente crianças e jovens, a ideia da necessidade de vencer sempre e de que não somos sujeitos completos sozinhos, que precisaríamos de um/a companheiro/a para sermos felizes para sempre, ou ainda, que na ausência disso, a vida sem o outro não valeria à pena.

Nos livros cujas protagonistas são meninas/mulheres, percebemos cinco aspectos principais: uma descrição delas principalmente a partir de seus aspectos físicos, dando valor à aparência; a idealização do amor romântico e o casamento como objetivo e sinônimo de completude e felicidade; a baixa representatividade negra nas protagonistas; a pouca sororidade das personagens femininas das histórias; e a imagem do peão (do homem) como sujeito salvador, que socorre e protege a prenda (a mulher) que seria sempre indefesa.

Já nos livros protagonizados por meninos/homens, observamos outros cinco aspectos relevantes: as características apresentadas sobre os personagens principais destacam suas habilidades como peões; eles se revelam como sujeitos independentes e que auxiliam os outros; são bastante aventureiros e não se mostram com medo frente a obstáculos e adversidades; demonstram união com outros personagens masculinos da história, compondo uma fraternidade; e os peões são reconhecidos por seus atos, valorizados e exaltados por todos os envolvidos com suas trajetórias.

Portanto, os 15 livros que compõem a *Série Prendas e Peões* da Editora Edibook, como discutimos aqui, evidenciam que há outras possibilidades de problematizações para além do gênero, como as categorias de classe, raça e sexualidade. Sendo assim, entendemos que a análise realizada é um reflexo tanto dos contos clássicos quanto da cultura gaúcha. Nesse sentido, o que nos mobiliza a tensionar tais produções é ponderar o quanto esses aspectos levantados na investigação têm influenciado na constituição das feminilidades e masculinidades nas infâncias de hoje, infâncias as quais estão cada vez mais diversas, curiosas e receptivas para o novo.

Referências

ANDRADE, Paula Deporte; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. **Textura**, Canoas, v. 17, n. 34, p. 48-63, maio/ago. 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1501>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ANTUNES, Luiz Orestes Pacheco. **Como o tradicionalismo gaúcho ensina sobre masculinidade**. 2003. 60 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

ARGÜELLO, Zandra Elisa Argüello. **Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil**. 2005. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BELLO, Alexandre Toaldo. **Sujeitos infantis masculinos: homens por vir?** 2006. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BERTUSSI, Lisana. **Literatura gauchesca: do Cancioneiro Popular à Modernidade**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 16. ed. Paz e Terra, 2002.

CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço (Orgs.). **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos?** 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CARDOSO, Steffany. Não somos prendas! Um grito das mulheres gaúchas contra o conservadorismo e a opressão. **Esquerda Diário**, 28 de agosto de 2018. Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/Nao-somos-prendas-Um-grito-das-mulheres-gauchas-contr-o-conservadorismo-e-a-opressao>. Acesso em: 21 mar. 2020.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FELIPE, Jane. Do amor (ou de como glamourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Santos da; SOUZA, Nadia Geisa Silveira de; GOELLNER, Silvana Vilodre; FELIPE, Jane. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas**. Rio Grande: FURG, 2007. p. 31-45.

FELIPE, Jane. *Scripts* de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho (Orgs.). **Para pensar a docência na Educação Infantil**. Porto Alegre: Evanfrag, 2019. p. 238-250.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. E foram mais ou menos felizes... enquanto puderam: problematizando gênero e sexualidade nas escolas infantis. In: Salão de Iniciação

Científica da UFRGS, XIII, 2002, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2002.

FISCHER, Augusto. **Dicionário de Porto-Alegres**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FORMIGA, Nilton Soares. Consistência mensurável do sexismo ambivalente no contexto brasileiro. **Psicologia.com.pt**: o portal dos psicólogos, ago. 2006. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0301.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosacnaif, 2010.

KELLER, R. S.; MELGARECO, Marcio. **Capitão dos Rios & Prenda dos Pampas**. Porto Alegre: Edibook, 2017. (Série Prendas e Peões)

KELLER, R. S.; MELGARECO, Marcio. **Dom Quitério de La Fronteira**. Porto Alegre: Edibook, 2016e. (Série Prendas e Peões)

KELLER, R. S.; MELGARECO, Marcio. **Gato de Bombacha**. Porto Alegre: Edibook, 2015a. (Série Prendas e Peões)

KELLER, R. S.; MELGARECO, Marcio. **João e a Plantação de Arroz**. Porto Alegre: Edibook, 2016a. (Série Prendas e Peões)

KELLER, R. S.; MELGARECO, Marcio. **Os Três Ginetes**. Porto Alegre: Edibook, 2016d. (Série Prendas e Peões)

KELLER, R. S.; MELGARECO, Marcio. **Peão dos Bosques**. Porto Alegre: Edibook, 2016b. (Série Prendas e Peões)

KELLER, R. S.; MELGARECO, Marcio. **Sulliver**. Porto Alegre: Edibook, 2015b. (Série Prendas e Peões)

KELLER, R. S.; MELGARECO, Marcio. **Zorrilho**. Porto Alegre: Edibook, 2016c. (Série Prendas e Peões)

KELLER, R. S.; PEREIRA, Pauline. **A Prenda e a Fera**. Porto Alegre: Edibook, 2016a. (Série Prendas e Peões)

KELLER, R. S.; PEREIRA, Pauline. **A Prenda Sereia**. Porto Alegre: Edibook, 2016c. (Série Prendas e Peões)

KELLER, R. S.; PEREIRA, Pauline. **Prenda Adormecida**. Porto Alegre: Edibook, 2015c. (Série Prendas e Peões)

KELLER, R. S.; PEREIRA, Pauline. **Prenda de Neve**. Porto Alegre: Edibook, 2015b. (Série Prendas e Peões)

KELLER, R. S.; PEREIRA, Pauline. **Prenda de Tranças**. Porto Alegre: Edibook, 2016b. (Série Prendas e Peões)

KELLER, R. S.; PEREIRA, Pauline. **Prendahontas**. Porto Alegre: Edibook, 2016d. (Série Prendas e Peões)

KELLER, R. S.; PEREIRA, Pauline. **Prendarella**. Porto Alegre: Edibook, 2015a. (Série Prendas e Peões)

LIMA, Stella Aparecida Leite. **Movimento o Sul é meu país: o discurso separatista e seus efeitos de sentido**. 2017. 150 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Prendas e Antiprendas: uma escola de mulheres**. Porto Alegre: UFRGS, 1987.

LOURO, Guacira Lopes. **Prendas e Antiprendas: uma história da educação feminina no Rio Grande do Sul**. 1986. 273 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986.

PIRES, Suyan Maria Ferreira. **"Histórias de amor para sempre, histórias de amor para nunca mais...": o amor romântico na literatura infantil**. 2009. 191 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância**. São Paulo: Global, 2010.

REYES, Yolanda. Mediadores de leitura. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BRAGUNCI, Maria das Graças de Castro (Orgs.). **Glossário CEALE: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. p. 213-214.

ROSA, Cristiano Eduardo da. **Educação, Infâncias e Arte Drag: a literatura subvertendo os scripts de gênero**. 2019. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

ROSA; Cristiano Eduardo da; FELIPE, Jane. Uma Diva Dentro de Mim: descobertas femininas sobre *scripts* de gênero no processo de montagem *drag queen*. In: RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas; VILAÇA, Teresa; BRÍCIO, Vilma Nonato de; MENDES, Sandra Karina Barbosa (Orgs.). **Gênero, sexualidade e educação: problemas contemporâneos**. Curitiba: CRV, 2019. p. 65-80.

ROSA, Cristina Maria. Alfabetização literária: bebês, leitores e livro fascinantes. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho (Orgs.). **Para Pensar a Docência na Educação Infantil**. Porto Alegre: Evanfrag, 2019. p. 120-142.

SALAINI, Cristian Jobi. **Nossos heróis não morreram: um estudo antropológico sobre formas de “ser negro” e de “ser gaúcho” no estado do Rio Grande do Sul**. 2006. 144 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SEFFNER, Fernando. Entrevista: Fernando Seffner. **Revista Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 7, n. 2, p. 6-19, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/11031>. Acesso em: 13 mar. 2020.

STEFANELLI, Francisca Alves da Silva. **As feminilidades nos livros para a infância do acervo das obras complementares do Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. 2015. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2015.

VERONEZE, Sandra. Cultura gaúcha para criança ler e aprender. **Eco da Tradição**, 2 de maio de 2018. Disponível em: <http://www.ecodatradicao.com.br/cultura-gaucha-para-crianca-ler-e-aprender>. Acesso em: 13 mar. 2020.

XAVIER FILHA, Constantina. Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 591-603, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/z5kp7sqRvrtmYJ4kgrCc8pt/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 mar. 2020.

Recebido em: 18 de janeiro de 2022.

Aprovado em: 26 de março de 2022.